

A identidade profissional no jornalismo *open source*¹

Ana Maria Brambilla

RESUMO

Ao aprofundar o conceito de jornalismo *open source* e seus valores de aplicação na Internet, o presente artigo focaliza a preocupação despertada em jornalistas profissionais em um cenário onde cada cidadão é um repórter. Para ilustrar essa pesquisa foi estudado o noticiário coreano *OhmyNews*, *online* desde 2000, publicando artigos escritos por pessoas que não têm formação jornalística. A intenção desta reflexão é ampliar as discussões pela busca da reconfiguração do papel do jornalista em uma mídia que está cada vez mais sob domínio do público.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo *open source*. Jornalista. Cidadão repórter. *OhmyNews*. Interação



¹Versão revisada do trabalho apresentado no III SBPJor (Sociedade Brasileira de Pesquisadores de Jornalismo), Florianópolis, SC, em 2005.

1 Introdução

De Seul, mais de 40 países atendem à proposta do noticiário *online* coreano *OhmyNews* de que cada cidadão seja um repórter. O bordão anunciado pelo jornalista Oh Yeon Ho, em 2000 – ano da criação do *site* –, insere-se num espírito global de horizontalização do processo comunicacional midiático através de ambiente digital. Na capital coreana, mais de 40 mil pessoas aderiram à ideia de serem cidadãos repórteres. A hipótese de aplicar o conceito *open source*, tradicionalmente utilizado na engenharia de *software*, para conceber um novo estilo de produção de notícias deu origem ao jornalismo *open source* que, para Gillmor (2004), se diferencia pela coloquialidade do gênero. Em vez de ser pronunciado como um discurso, o noticiário se constituiria aos moldes de um diálogo não restrito aos jornalistas, mas permeado por intervenções do público leigo.

A equiparação ao modelo *open source* de engenharia de *software* livre acentua-se quando a estrutura de produção de notícias se mostra tão horizontalizada quanto as comunidades de desenvolvedores Linux, por exemplo. A informação no modelo *open source*, conforme aponta Benkler (apud Gillmor, 2004), aqui considerada muito mais que linhas de programação mas podendo ser, inclusive, notícias, está largamente distribuída pela rede, criando um ambiente propício para trocas e aprimoramento do conteúdo, tal como em uma comunidade que partilha interesses comuns. Isso faz com que o resultado final de um modelo *open source* de produção seja mais seguro, uma vez que as falhas podem ser facilmente detectadas pelos integrantes desta comunidade, atentos e geralmente especialistas no produto/pauta.

Gillmor (2004, p.35) entende que tal modelo de produção aberta e compartilhada poderia ser aplicado sem prejuízos ao jornalismo. “Benkler acentuou que, com as técnicas de código aberto, estão já colocados muitos dos alicerces para ampliar os grandes meios de comunicação, ou até para os substituir por completo”. As estimativas quanto ao futuro do jornalismo, após a

consolidação eminente de um modelo *open source* de produção de notícias, abre uma série de dúvidas que desafiam valores tradicionais da profissão, como a situação do profissional de imprensa. Quando “every citizen is a reporter”, qual a função que o jornalista exerce na mídia?

Em busca de respostas a essa pergunta, será aqui explorado o projeto coreano *OhmyNews*, que constitui objeto de observação participante desde o início de 2005 e, *in loco*, de 23 a 26 de junho do mesmo ano, período em que aconteceu o Fórum Internacional de Cidadãos Repórteres, em Seul. A orientação metodológica foi guiada por observações participantes, revisão bibliográfica para a base teórica e, especialmente, entrevistas com o fundador do *OhmyNews*, o jornalista Oh Yeon Ho, além de outros dois jornalistas que proferiram palestra sobre jornalismo participativo em Seul durante o Fórum anteriormente citado.

2 Desmitificando o “dono de uma opinião sábia”

Barros (2001, p.169) constata que o homem comum está muito disposto a falar: “Triste é que não seja ouvido. Que tudo o que tem para contar fique sufocado dentro de si, pois o mediador *já sabe* o que precisa ser dito e *não tem tempo* para ir até este homem”. Wolf contribui com essa visão, observando que:

[...] os jornalistas conhecem pouco o seu público; mesmo que os órgãos de informação promovam pesquisas sobre as características da audiência, os seus hábitos e as suas preferências, os jornalistas raramente as conhecem e pouco desejam fazê-lo. O seu dever é apresentar programas informativos, não é satisfazer um público; quanto menos se debruçarem sobre o público, mais atenção podem dar às notícias. Por outro lado, a referência às necessidades e às exigências dos destinatários é constante e, nas próprias rotinas produtivas, estão encarnados pressupostos implícitos acerca do público. (1992, p. 188-189)

Se na mídia tradicional essa distância entre público e jornalista sinalizava um ponto frágil na estrutura do trabalho de imprensa, na Internet repórteres

e fontes têm uma relação refeita, com contatos muito mais assíduos e facilitados pela tecnologia. O que talvez pudesse ser visto como um ganho, é entendido por Adghirni (2001) como uma ameaça capaz de “desconfigurar” o mercado e deslegitimar a profissão – a Internet confundiria as fronteiras entre jornalistas profissionais (diplomados e reconhecidos por sindicatos) e produtores de conteúdo (de quem não é exigida nenhuma formação intelectual para publicar mensagens em ambiente midiático). Marcondes Filho (2000) concorda com tal visão alertando que, no contexto atual, todas as pessoas são potenciais jornalistas: “Basicamente, cada um pode ser um provedor de informação. Com uma câmera acoplada ao PC, qualquer coisa pode virar notícia.” (MARCONDES FILHO, 2000, p. 155). Barros (2001) enfatiza essa visão simplista do ofício ao apontar o senso comum de que, quem sabe alinhar palavras em frases pode escrever e, com isso, fazer um jornal. Mas para além disso, o jornalismo sustenta-se no que é visto, sentido, estudado, cruzado, nas sabedorias científicas com as sabedorias cotidianas, na sensibilização do olhar na captação das diversas visões de mundo – uma prática complexa que depende de uma simplicidade não reducionista para ser traduzida.

Visto desta maneira, o jornalismo não depende, senão, do conhecimento do dia-a-dia, da rotina vivida nas ruas e dentro das casas de pessoas comuns, ligadas, mas não reduzidas às fontes oficiais de informação. A aproximação das então opostas instâncias da cadeia midiática – emissão e recepção – as integra em propósitos similares que têm na informação sua maior causa.

Invine (apud MARCONDES FILHO, 2000) também percebe uma alteração de base na função do jornalista na esfera digital, definindo-a não de modo fatalista, mas renovador. O jornalista da *web* passa a ter como tarefa central juntar idéias e dar-lhes um formato agradável à fruição. Ainda assim, Marcondes Filho (2000) vê o jornalista como o dono de uma “opinião sábia”, aquele que outrora exercia o papel referencial de discernir o bem e o mal, orientando as comunidades no seu modo de agir em busca de uma meta comum.

A integração de público de profissionais de imprensa desmistifica o jornalista como um propagador de pontos de vista soberanos, instituindo-o como alguém que consolida uma informação que vem do público, a que se acrescenta a importância que o jornalista assume no estímulo à discussão pública de pautas com diferentes enfoques. Disto emerge a revisão do conceito de mediação.

Kunczik trabalha esta idéia através de Langenbucher (apud KUNCKZIK, 2001, p.100), que aponta a mediação como o ato de “[...] facilitar a mútua comunicação entre os diferentes grupos da sociedade.” O autor amplia o espectro de sua análise e atribui aos meios de comunicação a função primordial de viabilizar a troca de idéias entre todos os grupos que participam da formação da vontade política de uma sociedade.

Langenbucher pensa ainda que o sistema de comunicação deve ser estruturado de tal maneira que facilite para o cidadão individual o acesso aos meios de comunicação. Para conseguir essa igualdade comunicativa, segundo ele, impõe-se que as possibilidades de certo grupo de garantir o acesso aos meios de comunicação de massa aumentem em proporção inversa à sua privação anterior no sentido de utilizar a comunicação pública. Isso proporcionaria igual oportunidade de comunicação a todos os grupos da sociedade. (LANGERBURGER apud KUNCKZIK, 2001, p. 100).

O “acesso” aos meios de comunicação, nota-se, não se limita à audiência de mensagens variadas, mas a atuação efetiva na composição dessas mensagens, prática que se viabiliza como rotina no *site* noticioso *OhmyNews*.

3 Uma mudança comportamental

O *OhmyNews* é uma empresa de comunicação sediada no centro de Seul, que dispõe de um *staff* profissional de 54 jornalistas. Ao abrirem espaço para o público submeter notícias que são publicadas ao lado do material produzido pelo seu *staff*, o *OhmyNews* adotou o modelo de jornalismo *open source*. A intenção surgiu como resposta à rígida estrutura do mercado midiático sul-coreano, onde conglomerados e grandes famílias de orientação política con-

servadora controlavam 80% dos jornais² e apenas 20% exibiam caráter liberal (Borton, 2004). Após colaborar por mais de 10 anos com essa imprensa, Oh Yeon Ho assumiu a tarefa de equilibrar esses índices. O caminho que encontrou para tanto foi disponibilizar ao público um espaço e uma infra-estrutura editorial para que tivesse voz midiaticamente ativa.

Os padrões do jornalismo do século 20 haviam sido criados e eram controlados por jornalistas profissionais de jornais. Mas estes padrões estão sendo desafiados por novos jornalistas da Internet: os *netizens* ou cidadãos repórteres. Eles desafiam a lógica da mídia tradicional sobre quem é o repórter, o que são notícias, qual o melhor estilo de notícias, e o que é uma notícia crível. (OH, 2005, p.3, tradução nossa)³

A concepção de *citizen reporter* para Oh Yeon Ho (2005a), vai além da participação na redação de artigos e publicação em um *site* noticioso. Não se trata de uma tática, conforme aponta o jornalista, mas de uma filosofia. Oh Yeon Ho fala de um modelo de pensamento que visa transformar a sociedade através da mídia, guiando-se por ideais libertários viabilizados por uma orientação editorial interativa, o que, na sua opinião, baliza um jornal na Internet com alto nível de interação.

Existem dois níveis de interatividade na produção e no consumo de notícias. O baixo e o alto. O baixo nível de interatividade acontece quando repórteres profissionais escrevem e os leitores mandam e-mail ou postam comentários em murais. Então o que é o alto nível de interatividade? Neste processo, repórteres e leitores são iguais. Leitores podem tornarem-se repórteres a qualquer hora que ele ou ela quiserem." (OH, 2005a, p.4, tradução nossa)⁴

² Os três grandes jornais coreanos que representam estes 80% são Chosun, Jong Ang e dong-A Ilbos.

³ Documento eletrônico. "The standards of 20th century journalism have been created and controlled by professional newspaper journalists. But these standards are challenged by news Internet journalists: the netizens or citizen reporters. *They challenge the traditional media logic of who is a reporter, what is news, what is the best news style, and what is newsworthy* (OH, 2005, p. 3)

⁴ Documento eletrônico. "There are two levels of interactivity in news production and consumption. The low and the high. Low level interactivity is when professional reporters write, and reader send e-mail or post comment on bulletin boards. *Then what is high level interactivity? In this process, reporters and readers are equal. Readers can change themselves into reporters any time he or she wants.* (OH, 2005, p.4)

Ao observar os padrões sustentados pela mídia tradicional, Oh Yeon Ho (2005b) afirma que o conceito de cidadão-repórter é, em si, revolucionário. “Cidadão” e “repórter” seriam papéis sociais de difícil associação. Na Coréia do Sul, os grandes grupos de comunicação têm caracterizado-se pelo esvaziamento dos noticiários em nome de uma cobertura política altamente unilateral e autocensurada. De acordo com Kim e Lee, “[...] aqueles jornais estão engajados em um tipo de jornalismo com ‘estoque de notícias do governo’, no qual eles apenas copiam notícias enviadas pelo governo, e suas páginas estão dominadas por matérias curtas [...]”. (2005, p. 115, tradução nossa)⁵. Por privilegiarem esse tipo de informação, os jornais coreanos são acusados de pouca profundidade e de não promover a agenda social através de um debate intelectualizado.

Além disso, o sistema de circulação dos periódicos diários colabora para o agravamento deste cenário. A venda de jornais em Seul trabalha com o sistema de pré-edições lançadas no dia anterior, às 19 horas. Além de causar um grande mimetismo midiático entre os diversos veículos e empresas jornalísticas, o jornal chega “velho” às mãos dos leitores. As pré-edições circulam especialmente em repartições públicas, centros de negócios e de comunicação. Cientes do problema causado pelo sistema, alguns dos grandes jornais sul-coreanos, como o *Joogang Ilbo*, aboliram as pré-edições (Kim; Lee, 2005).

Antes que as pré-edições fossem abolidas, porém, essa situação fez com que os jornais sul-coreanos mergulhassem em uma crise de qualidade que levou à profunda diminuição nos índices de circulação. De acordo com uma pesquisa realizada pelo Nielsen Media Research (apud Kim; Lee, 2005), 17% das residências coreanas cancelaram suas assinaturas de jornal nos últimos cinco anos. Entre os adolescentes também é registrada queda de 47% para 26% entre os leitores. A confiabilidade a esses jornais medida pela Fundação

⁵“that newspapers are engaged in ‘journalism on government news supplies’, in which they just copy news provided by the government, and their pages are dominated by short news pieces”

de Imprensa Coreana apontou que, numa escala crescente de 1 a 5, a satisfação do público em relação a estes veículos limitou-se a 3,05 aos jornais e 2,79 pontos às revistas.

Quando Oh Yeon Ho (2005b) fala em cidadão-repórter, portanto, há uma distância extrema entre a imagem negativa dos jornalistas de veículos tradicionais e o envolvimento comunitário traduzido pela menção à cidadania. Para o jornalista, o cidadão-repórter tem um perfil proativo; não basta que esteja ciente dos problemas da sociedade, mas deve tentar resolvê-los.

O conservadorismo do cenário midiático tradicional da Coreia do Sul e a frustração que isso vem causando no povo coreano frente às suas necessidades informacionais constitui um dos aspectos que colaboraram para que o *OhmyNews* se tornasse um *case* de sucesso.⁶ Soma-se a isso o fato da Coreia do Sul dispôr de uma infraestrutura de acesso digital que efetiva a penetração de banda larga em 75% do território nacional. Outro fator que contribui para a disseminação do *OhmyNews* na sociedade coreana é o tamanho reduzido do país,⁷ o que faz com que as equipes de repórteres – sejam profissionais ou cidadãos com participações eventuais – sejam suficientes, embora pequenas, para dar conta dos fatos que marcam o cotidiano nacional. Este aspecto também é favorável à checagem de dados que os editores fazem sobre cada artigo remetido por um cidadão-repórter. Para além desses motivos que justificam a escalada do jornalismo *open source* na Coreia do Sul, Oh Yeon Ho (2005a) destaca o preparo e a disposição de seus compatriotas em participar de iniciativas em nome de um propósito comum. Essa característica pode ser uma resposta que o povo coreano dá à própria história.

■
⁶No dia 20/06/2005 a revista norte-americana *Time* divulgou o ranking dos “50 Coolest Websites”, onde o *OhmyNews International* ocupa a quarta colocação na categoria “News and Information”. Disponível em: <http://www.time.com/time/business/article/0,8599,1073329,00.html> A média de visitação diária do *OhmyNews* junto com o *OhmyNews International* é de 7,5 mil visitas únicas.

⁷A Coreia do Sul tem uma população de 49 milhões de habitantes que vivem num território pouco maior que o Estado da Virgínia, dos EUA.

A guerra que dividiu a Coreia em dois países, em 1950,⁸ e, mais tarde, o Massacre de Kwangju,⁹ em 1980, são dois capítulos representativos na trajetória deste país, que fez com que a população se calasse para sobreviver sob um regime ditatorial. Não é à toa que grande parte dos cidadãos-repórteres do *OhmyNews* coreano são homens (70%) na faixa etária de 40 anos, o que é chamado de “Geração 386”. São jovens que vivenciaram, na década de 80, o Massacre de Kwangju e agora, muitos deles casados e com filhos, dão vazão à necessidade de expressão reprimida aos 20 anos.

4 *Professional plus citizen reporters*

Na Coreia do Sul, não é obrigatório ter curso superior em jornalismo para atuar na área. Ainda assim, o *OhmyNews* faz uma distinção entre os repórteres-cidadãos e os profissionais; estes últimos são os que integram o *staff* regular do noticiário e trabalham na redação. A rotina destes profissionais está centrada na produção de *hard news* – sobre política, economia, questões internacionais – e na edição da versão coreana do *site*, cujo fluxo de mensagens chega a 150 publicações de textos de cidadãos-repórteres a cada dia. A edição desses textos consiste na checagem minuciosa das informações trazidas pelos colaboradores. Essa checagem pode levar até duas semanas, conforme o grau de complexidade dos artigos, e certas vezes exige que o *staff* do *OhmyNews* contate o autor de tal matéria para esclarecer quais foram as fontes utilizadas.

⁸ A Coreia do Sul se independiza dos Estados Unidos em 1948, sob presidência do líder nacionalista Syngman Rhee. Ele permanece no poder até 1950, quando o país é invadido pela Coreia do Norte que dura até o armistício de 1953. O sucessor de Rhee, Chang Myon, é derrubado por um golpe militar liderado pelo general Park Chung Hee. Em 1972, Park instaura uma ditadura militar e fecha o Parlamento, dissolvendo os partidos de oposição (http://www.sergiosakall.com.br/asiatico/korea_sul.html).

⁹ O Massacre de Kwangju ocorreu numa série de protestos estudantis promovidos em resposta à tomada do poder pelo general Chun Doo-Hwan, quando foi decretada a prisão de líderes políticos opositoristas. Em uma das ações de repressão, na capital provincial de Kwangju, em maio de 1980, deixa mais de 200 manifestantes mortos.

Além da checagem de informações é feita uma edição textual para corrigir a estrutura gramatical dos textos, adequá-los a uma linguagem jornalística, quando necessário, e ainda editar suas manchetes e linhas de apoio. Muitas vezes, o teor dos artigos submetidos pelos cidadãos-repórteres é o de *soft news*, ou relatos de seus cotidianos que possam interessar à comunidade. Oh Yeon Ho (2005b) considera esse aspecto positivo, já que através desses relatos o *OhmyNews* pôde descobrir e publicar uma série de histórias exclusivas. O jornalista destaca que a mistura de questões políticas e sociais, sob uma perspectiva pessoal, fortalece o conteúdo e o torna mais atraente.

Deste modo, os jornalistas do *OhmyNews* garantem o diferencial de seus papéis dentro da redação ao assumir a função prioritária de editores.

E... alguém precitaria escolher os critérios de notícia, encontrar a posição de uma matéria com o destaque principal, secundário ou como sub-tópico, porque a *agenda-setting* é muito importante. O espaço da internet não é limitado, mas o espaço de destaque das notícias é limitado. Nesta era, quando informações estão ao nosso redor, qual informação é mais importante para ser encontrada por alguém? Esta é a idéia da *agenda-setting*. (OH, 2005b, tradução nossa).¹⁰

Segundo Wolf (1992), a idéia de *agenda-setting* não remete à pretensão dos veículos em persuadirem a população, mas que descrevam e apresentem ao público uma lista do que é necessário saber e ter uma opinião formada. O pressuposto da *agenda-setting*, portanto, é oferecer ao público uma imagem da realidade. Quando essa oferta é sustentada por informações que vêm do próprio público, como no caso do *OhmyNews*, a hipótese de persuasão ou manipulação da mensagem se torna praticamente inviável.

Ao editar e propôr a pauta do dia à opinião pública, ainda que a partir de informações fornecidas por repórteres-cidadãos, os repórteres profissionais

■
¹⁰ *Somebody should needs choose the news criterions, find out the position of a story like a main top, second top or sub topic, because the agenda setting is very important. The Internet space is not limited, but the space of top stories is limited. In this age, when information is all around, which information is important to be found by somebody? This is the idea of agenda setting. (OH, 2005b)*

ocupam, invariavelmente, a posição de *gatekeepers*. A visão exposta por Traquina (2005) diante desta que foi a primeira teoria jornalística, lançada em 1950, é a de um “porteiro” que seleciona, segundo valores absolutamente subjetivos e arbitrários, que notícias publicar e quais outras rejeitar. Desse modo, a análise das notícias bem como a definição dos critérios de noticiabilidade, é orientada por aspectos micro-sociológicos, que dizem respeito ao jornalista como indivíduo e ignoram a estrutura macro-sociológica na qual o profissional se insere. Trata-se, portanto, de uma teoria limitada, uma vez que os estudos inaugurais produzidos por David Manning White (apud TRAQUINA, 2005) reduzem o trabalho do jornalista à mera seleção de informações, minimizando outros aspectos relevantes no processo de produção de notícias e, mesmo no que toca à edição, simplifica-a ao mero ato de escolha.

Ainda que a noção de *gatekeeper* se associe muito diretamente à de filtro e se recubra de aspectos subjetivos, sua aplicação na identidade profissional do jornalista é eminente e talvez não perca a atualidade no âmbito do jornalismo *open source*. Aroso (2005) detecta que romper as ligações do jornalista com a noção de *gatekeeper* parece preocupar alguns autores que preferem a modificação da concepção do termo do que sua extinção. É o caso de Ricardo Jorge Pinto e Jorge Pedro de Sousa (apud AROSO, 2005)¹¹, a quem o jornalista perdeu o monopólio do jogo informativo. A filtragem da informação se estende a mecanismos de divulgação que estão ao acesso de todas as pessoas. Por outro lado, a chancela do jornalista sobre uma informação poderia tornar-se indicativo de credibilidade e utilidade, visão partilhada por Jim Hall (apud AROSO, 2005), que visualiza o novo jornalista como um cartógrafo, autenticando notícias num extenso mapa informativo alimentado por qualquer internauta. Gillmor (2004) também entende o jornalista como um controlador do que se publica, comprometido a remover informações caluni-



¹¹Documento eletrônico

osas ou manifestamente imprecisas. Isso fortaleceria a imagem do jornalista como filtro de informações, talvez pós-publicação.

Outra autora que se filia à adaptação do conceito de *gatekeeper* à nova realidade surgida com o jornalismo *open source* é Jane Singer (apud AROSO, 2005), que agrega ao jornalista a tarefa de controle de qualidade e significado do noticiário. “Isto significa que os jornalistas vêem-se mais como intérpretes do que como guardiões da informação e que esta é a sua principal função” (AROSO, 2005).

Ao ser questionado sobre a possibilidade de existência de *gatekeepers* mesmo no jornalismo *open source*, Oh Yeon Ho (2005b) reage dizendo que os *gatekeepers* apresentam características diferentes da concepção tradicional do termo. No passado, os *gatekeepers* costumavam manter diálogos com seus clientes. Hoje em dia, a todo o momento, os “selecionadores/editores” procuram ouvir o que diz o público, que não se limita mais à função de cliente, mas se torna um colega. Fulton (2000)¹² corrobora a visão de Oh Yeon Ho ao afirmar que entre as novas funções que o jornalista está a assumir dentro de um modelo *open source* está a de apoiar e facilitar boas conversações *online*, organizar arquivos, agregar e reformular informações disponibilizadas por um público muito variado.

A preocupação em desenvolver as habilidades de um jornalista que saiba muito mais ouvir, mediar do que se pronunciar deve ser trabalhada desde a formação superior, conforme alerta Gillmor (2004, p.138):

[...] as escolas de jornalismo precisam de reflectir a evolução que vai do jornalismo como prelecção ao jornalismo como diálogo. No mínimo, as escolas de jornalismo deviam insistir para que os alunos percebessem o que é a genuína interactividade, o que está na base do diálogo com o público.

Isso está para além do domínio da técnica. Gillmor segue afirmando que o uso de quaisquer tecnologias no modelo *open source* de jornalismo deve ser

■
¹² Documento eletrônico

acompanhado pelos princípios fundamentais da profissão como a imparcialidade, a retidão, a capacidade de ir ao fundo das questões. A diferença é que a manutenção desses valores está atrelada ao uso efetivo que se faz das ferramentas que o jornalista tem à disposição e que estimula o contato com o público. O autor alerta que o jornalista só se manterá no mercado se souber ser um bom ouvinte e participar do diálogo. Além disso, editores continuarão sendo necessários.

5 As particularidades dos atores no jornalismo *open source*

Parece claro que, mesmo em processos altamente interativos de produção de notícias, o jornalista se manter no mercado, exercendo funções diferenciadas do cidadão-repórter. Fortalecendo seu papel de mediador, atualizando sua função de *gatekeeper* e agindo, sobretudo, como um editor, o jornalista profissional traz em sua formação aspectos que o diferenciam para tanto. González (2003)¹³ admite a participação direta do público no processo de comunicação, alertando para uma importante diferença entre os jornalistas e o público leigo no que toca à preparação e a qualificação de cada um para a atividade de imprensa.

Moeller (2005)¹⁴ observa cautelosamente que o mero acesso às ferramentas de publicação não significa que quem as use saiba, de fato, escrever notícias. O alemão, um dos fundadores do *site* Wikinews, cujo conteúdo é aberto à redação e à edição a qualquer pessoa, acredita que as habilidades para redação e os recursos para a investigação de pautas nunca serão compartilhados por todas as pessoas. Ainda assim, considera o *OhmyNews* e o Wikinews bons modelos para aprimorar o nível de conhecimento que as pessoas dispõem



¹³ Documento eletrônico

¹⁴ Documento eletrônico

para publicar notícias. Ainda que estejam abertos à produção de conteúdo por parte de qualquer internauta, ambos reconhecem que as contribuições dos cidadãos-repórteres não caracterizam uma atividade profissional e que, por isso, contam com o auxílio de jornalistas.

Iggers (2005)¹⁵ acredita que o papel do jornalista neste modelo *open source* seja ajudar cidadãos-repórteres a desenvolver suas próprias habilidades como apuradores de informação, contadores de história, fotógrafos, etc. Paralelamente, o jornalista deve ser o responsável para que o alto padrão do noticiário seja mantido, considerando a exatidão e a veracidade da mensagem. O jornalista de Minneapolis considera que muitos cidadãos-repórteres dispõem de habilidades para regular estes padrões tanto quanto os jornalistas profissionais. Por outro lado, à grande parte do público leigo falta o treinamento, a experiência e a perspectiva do olhar próprio ao jornalista.

O poder de síntese, a agregação de informações referenciadas, a apuração profunda e, portanto, a confiabilidade do noticiário são características do profissional de imprensa. No olhar de González (2003) são esses traços que habilitam o jornalista à conversão da informação em conhecimento. É importante colocar que tais habilidades inerentes ao profissional formado, são desenvolvidas, no jornalismo *open source*, especialmente sobre informações advindas do público. Portanto, o primeiro passo para que o jornalista se mantenha ativo em uma redação deste modelo de publicação é reconhecer a mensagem que vem das bases.

Gillmor alerta para a necessidade do jornalista aprender que faz parte de um mundo novo e que, para manter-se nele, deve aceitar que o público seja um legítimo participante deste cenário: “[...] aceito que os meus leitores saibam mais do que eu – e este é um facto libertador, que não ameaça a minha vida de jornalista [...]” (GILMOR, 2004, p. 15). No instante em que toma contato com o público, o jornalista se posiciona como um interlocutor, o que, na visão de González (2003), converte o profissional da informação em um autêntico comunicador.

■
¹⁵ Documento eletrônico

6 Considerações finais

Diante do exposto e ao se conceber a sociedade em seu sentido mais amplo, como humanidade, tendo em vista sua preocupação em conquistar/manter a democracia, parece fundamental que seus jornalistas desejem ser, antes de tudo, mediadores; que não se proponham à pretensão de preparar, manipular ou guiar as pessoas, mas tenham como premissa encorajar o diálogo entre diferentes grupos e classes sociais. Isso passa, obrigatoriamente, pelo reconhecimento do público como co-autor do noticiário e pela afirmação de um perfil profissional diferenciado do que exercia até então. Para além de redator de notícias, o jornalista acentua sua tarefa de editor a partir do material que o público lhe fornece.

A oportunidade de aprendizado e enriquecimento do noticiário aberta pela participação ativa de cidadãos-repórteres deve ser valorizada pelo jornalista e não temida, como à primeira vista parece a muitos autores. Parece indispensável ao jornalista, neste momento de revisão da identidade profissional, uma reflexão orientada pela modéstia num campo que se auto-intitulou o “quarto poder”. Não se trata da desvalorização do jornalismo profissional, mas de seu aperfeiçoamento efetivado pela tardia, mas sempre válida, integração ativa do público leigo no processo comunicacional.

The professional identity in open source journalism

ABSTRACT

While analyzing in depth the concept of open source journalism and its values of application in the Internet, this article focuses the concern of professional journalists in a scene where each citizen is a reporter. To illustrate this research the Korean online newspaper OhmyNews was studied. Online since 2000, it has been publishing articles written by people who have not graduated in journalism. This paper intends to expand the discussion in search of a reconfiguration of the role of the professional journalist in a media that is increasingly falling into the public domain.

KEYWORDS: Open source journalism. Journalist. Citizen reporter. OhmyNews. Interaction.

La identidad profesional en el periodismo de código abierto

RESUMEN

Al profundizar el concepto de periodismo de código abierto y el valor de su aplicación en un escenario de Internet, el presente artículo enfoca la preocupación de los periodistas profesionales en un escenario donde cada ciudadano es un reportero. Para ilustrar esa investigación, se ha estudiado el periódico digital coreano *OhmyNews*. on line desde 2000, publicando artículos escritos por personas que no tienen formación periodística. La intensión de esta reflexión es ampliar las discusiones por la búsqueda de reconfiguración del papel del periodismo en una media que está cada vez más bajo el dominio del público.

PALABRAS-CLAVE: Periodismo de código abierto. Periodista. Reportero ciudadano. *OhmyNews*. Interacción.

Referências

- ADGHIRNI, Zélia Leal. Informação *online*: jornalista ou produtor de conteúdo. **Contracampo**, Rio de Janeiro, v. 6, p.137-151, jan./jun. 2002)
- AROSO, Inês M. M. A internet e o novo papel do jornalista. **Webjornalismo.com**, 2005. Disponível em: <<http://www.webjornalismo.com/sections.php?op=viewarticle&artid=90>> Acesso em: 10 mai. 2005.
- BARROS, Ana Taís Martins Portanova. **Jornalismo, magia, cotidiano**. Canoas: Ed. ULBRA, 2001.
- BORTON, James. *OhmyNews* and 'wired red devils'. **Asia Times**, Seul, 25 nov. 2004.
- FULTON, Katherine. Nnews isn't always journalism. **Columbia Journalism Review**, 2000. Disponível em: <<http://archives.cjr.org/year/00/2/fulton.asp>>. Acesso em: 10 ago. 2005.
- GILLMOR, Dan. **Nós, os media**. Lisboa: Editorial Presença, 2004.
- GONZÁLEZ, Maria Angeles Cabrera. Importancia del periodista en la era digitale. **Webjornalismo.com**, 2003. Disponível em: <<http://www.webjornalismo.com/sections.php?op=viewarticle&artid=19>>. Acesso em 10 ago. 2005.
- IGGERS, Jeremy. **Re: A question to you**. Entrevista realizada por e-mail respondida em 10/07/2005.
- KIM, TackWhan; LEE, SangBok. **Media Big Bang**. Seul: Communcation Books Pulications, 2005

- KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo Norte e Sul: Manual de comunicação**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo. A saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker, 2000.
- MOELLER, Erik. Correspôndência pessoal por correio eletrônico. 06/07/2005.
- MORETZSOHN, Sylvia. Jornalismo, mediação, poder: considerações sobre o óbvio surpreendente. In: **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**, 2003. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/moretzsohn-sylvia-jornalismo-mediacao.pdf>>. Acesso em 04 ago. 2005.
- OH, Yeoh Ho. Korean Netizens Change Journalism and Politics – The Marriage of Democracy and Technology. **The Amateur Computerist**, v. 13, n. 1. Disponível em: <<http://www.ais.org/~jrh/acn/ACn13-1.pdf#search='the%20amateur%20computerist%20oh%20yeon%20ho'>>. Acesso em: 10 ago. 2005.
- _____. Entrevista realizada/gravada pessoalmente no hotel Best Western Gangnam em Seul, no dia 25 jun. 2005.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.
- WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 2. ed. Lisboa: Presença, 1992

Ana Maria Brambilla

Jornalista

Mestranda em Comunicação e Informação pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FABICO/UFRGS)

Bolsista CAPES

E-mail: ambrambilla@terra.com.br